

# Ecclesia



Outubro de 1950  
Ano 2.º

N.º 8



*João Joaquim da Costa e Almeida*

1825 - 1897

PRESBÍTERO CRISTÃO ROMANO EM 1850  
ADERIU À REFORMA RELIGIOSA EM 1870  
FOI UM DOS FUNDADORES DA IGREJA LUSITANA EM 1879-1880  
E O DECANO DOS SEUS MINISTROS;  
EM RIO DE MOURO FOI PÁROCO ROMANO EM 1851  
E PÁROCO LUSITANO EM 1876;  
TEVE, COM SUA ESPOSA, D. MARIA DO ROSÁRIO, AS HONRAS DA  
PERSEGUIÇÃO PROMOVIDA PELO DESPEITO E O ORGULHO DOS INTOLERANTES;  
FOI EXCOMUNGADO PELA IGREJA OFICIAL  
E LEVADO AO TRIBUNAL DE SINTRA EM 1895.

# Ecclesia

TRIMESTRÁRIO, ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

DIRECTOR:

EDUARDO H. MOREIRA

R. das Janelas Verdes, 32 (Convento dos Marianos) - LISBOA

ADMINISTRADOR:

DANIEL DE PINA CABRAL

Avenida da República, 1118--VILA NOVA DE GAIA

## O Problema das Bibliotecas

O novo director da Biblioteca Nacional de Lisboa, o sr. Dr. Silva Marques, ilustre biblioteconomista e historiador, ao tomar posse do seu novo cargo pôs a nu, com uma clareza perfeita, o triste estado em que se encontra o famoso estabelecimento cuja direcção assumiu. Este facto, devido à retumbância que terá tido em certos meios, é de molde a chamar a atenção para o problema das bibliotecas, do número, infelizmente não grande, de portugueses que leem e se interessam pela leitura, e que sabem o que representa como valor nacional o tesouro livre de um povo e duma geração.

A Nação necessita de rever todo o plano de recolha e conservação do seu pensamento escrito, toda a sua bibliografia e hemerografia, de qualquer cor ideológica, de qualquer matiz artístico e de qualquer grau de cultura que sejam as espécies que a compõem. Estamos certos de que o fará.

O trabalho seleccionador fica aberto à multidão dos que estudam. É necessário, pois, recolher tanto o lixo de Énio como as pérolas de Vergílio. Mas deixar perder as pérolas seria crime de lesa-pátria.

Ora sucede que o brio manifestado por quem suporta entre nós a responsabilidade directiva dá-nos a visão duma vitória a breve prazo. Assim seja. Mas essa actividade oficial, com todos

os superiores elementos de que dispõe, não substituirá a iniciativa particular das várias esferas do pensamento, dos diferentes tipos de cultura. O cristianismo reformado, por exemplo, só se afirmará possuidor dum desejo respeitável de cultura intensiva — notai que nos não atrevemos a dizer **duma cultura**, mas dum **desejo dela** — quando lançar as bases dum plano de investigação bibliográfica produtora dum catálogo expressivo e exaustivo, duma aquisição progressiva e sistemática, reco-

### SUMÁRIO DO N.º 8

O Problemas das Bibliotecas . . . . .	1
Reminiscências e Perspectivas . . . . .	2
O Dogma da Assunção . . . . .	6
Comemorações. No Atrio; na Nave . . . . .	9
Florilégio da Oração . . . . .	10
Considerações em torno à alma anglicana . . . . .	11
Na Seara . . . . .	13
Glória, música (Dr. L. Figueiredo) . . . . .	14
Lusogramas . . . . .	15
O Livro e os Livros . . . . .	16

lhida em edifício não sujeito aos perigos do inquilinato, das espécies manuscritas, bíblicas e hemerográficas que directa ou indirectamente lhe interessam, duma mapoteca missionária em que se registem as viagens dos evangelistas e civilizadores cristãos de qualquer escola e as áreas por eles atingidas no Império Português; duma discoteca homilética em que se registem sermões-tipos dos nossos oradores; duma filмотeca que archive e resguarde reportagens e documentários peculiares da nossa vida como igreja e como sociedade.

Ambicioso plano, pensar-se-á? Pois sem ele consideremo-nos com humildade, não só irremediavelmente incultos como também sem aspirações e sem possibilidades de cultura, falhos de curiosidade e ausentes da senda do progresso em que os grandes ideais se lançam quando querem vencer, ou marcar.

Tivemos muitas tentativas incipientes de cultura organizada, devemos recorda-lo, com o Cónego Pope, e o Major Santos Ferreira, por exemplo, mas perderam-se praticamente os seus esforços, por falta de ambiente. Outras tentativas

mais modernas seguiram a senda individualista daquelas mais antigas, por não se lhes deparar melhor solução; e várias delas já sofreram o desbarato. Sabe-se contudo onde param os restos dispersos dessas colecções conseguidas com carinho, com dedicação ou com perspicácia. Esses restos atestam o fracasso e aconselham-nos uma mudança de método.

S. Paulo, desde a fria Prisão Mamertina onde o aferrolharam, pedia a Timóteo a capa, os pergaminhos e os livros, que tanta falta lhe fariam. Eis aí o símbolo, nessas três ordens de objectos, da cultura cristã, iniciada pelo Doutor das Gentes: algum mínimo de conforto para quem estuda, os elementos pessoais do estudo, e os elementos colectivos, que no tempo e no espaço a todos nos unem. Falta quem estude. Mas se surgir o estudioso, onde está a capa, onde os pergaminhos, onde os livros, que o confortem, o documentem, o ilustrem?

## REMINISCÊNCIAS

E

## PERSPECTIVAS

III  
**A FIRMAM** os telegramas da Cidade do Vaticano que o dogma da Assunção de

Santa Maria será proclamado em 1 de Novembro próximo. E acrescentam não se estranhar nos círculos ultramontanos que os dois arcebispos anglicanos da Grã-Bretanha se declarem contrários a esse dogma, afirmando em contrapartida que são os romanistas ingleses os mais ardorosos solicitantes dessa definição dogmática. Ora a origem literária da lenda da Assunção é o livro apócrifo "Trânsito de Maria", que remonta ao IV ou ao V séculos somente, e dele diz o escritor romano-católico Daniel Rops (in "Ecclesia" n.º 18 de Setembro de 1950, p. 13, Paris): "Esta corrente de fábulas não cessa de engrossar, e no III, no IV e no V séculos outros elementos se lhe juntaram: os livros do "Trânsito de Maria" estarão entre os últimos escritos. Mas então já há muito que a Igreja terá fixado a sua escolha na Escritura, separado a cizânia do bom grão, e

III  
 o seu Cânon estará estabelecido". Em face do que se passa não é de estranhar que dentro de anos seja dogma para o mundo papal a tripla manifestação carnal de Cristo, como há anos a defendia um abade francês: gerado no ventre da Virgem, transubstanciado na hóstia do altar e reproduzido na pessoa do Papa. Que lhes parece? E porque não? basta passar tempo sobre a asseveração para que se transforme em lenda, de lenda em tradição, de tradição em dogma proposto e porfim em dogma definido!

Outro centenário à porta: a 11 de Novembro fará um século que nasceu Silva Porto, o Mestre pintor dos horizontes luminosos, da paisagem viva e verdadeira. Há dele um quadro de assunto bíblico cheio de beleza e sinceridade, em que vemos a escrava Agar no deserto tórrido, afastando-se do filho, prostrado pela sede, para o não

ver morrer. A sede do corpo e a sede da alma somam-se genialmente naquela mãe angustiada, ensinando-lhe a Oração.

Eça tinha o segredo da adjectivação viva e penetrante. Coloca no lugar próprio a referência, por exemplo, a um "silêncio líquido" ou a um "silêncio côncavo", ou ainda a um "silêncio sombrio", como poderia referir um silêncio sólido, ou pastoso, convexo ou plano, rubicundo ou luminoso. E o leitor compreenderia ou sentiria a nova adjectivação que o mestre usasse, como compreende e sente a que ele usou. Eis uma locução adjectiva do grande estilista, que particularmente nos interessa, a qual encontramos no conto "Um poeta lírico": "E o único som que vinha da rua, uma voz gemente que a neve abafava mais, uma voz pedinte que à esquina defronte garganteia um salmo... Um domingo de Londres". Esses qualificativos dados por Eça de Queirós a uma certa forma de ler, são flagrantes de verdade, e levam-nos a meditar num assunto que está posto na ordem do dia: o da licenciatura de leitores na Igreja Lusitana. Como se deve ler? Dramaticamente? Com ênfase? Com naturalidade? Com a tal voz gemente ou pedinte de que fala o Eça, ao evocar a leitura pública dum salmo num domingo londrino?

A Igreja Anglicana foi uma das primeiras, senão a primeira comunidade cristã a descobrir os valores espirituais ocultos no novo método de expressão artística e ideológica que é a cinematografia; mas foi igualmente a primeira ou das primeiras forças espirituais que procurou opor-se à degradação social por meio do cinema industrializado pelos "ganha-dinheiro" internacionais, sem escrúpulos. De aí nasceu uma comissão de contrôlo há bastantes anos presidida pelo Primaz da Grã-Bretanha. Esta feição construtiva cristã, oposta aos exageros do puritanismo negativo do "não toques, não proves, não manuseies" caminhou através do tempo e tem hoje uma avançada expressão no "Sercinev" de Paris, de que já aqui nos ocupamos, serviço que empreende a evangelização pelo cinema, como Jesus Cristo a realizava pelas parábolas. O "Baptist Times" de 22 de Junho nota como várias comunidades cristãs estão

considerando interessadamente a matéria, havendo até uma vigorosa sociedade católica romana produtora de filmes. O nosso movimento da A. R. C., iniciador ao menos em tese da infiltração cristã pelo cinema, merece a simpatia de todos que saibam considerar as dificuldades com que luta para realizar um programa de genuinidade cristã.

Apesar de um atrazo de meses, não se deve deixar de arquivar aqui a notícia da morte, em 26 de Março, do missionário suíço André Henry, de 32 anos de idade e casado há 3 anos, afogado no rio Missange em Angola, quando afrontava a cheia que aluira a ponte, para ir em socorro dum enfermeiro indígena gravemente enfermo. O pastor africano Daniel, no serviço **in memoriam** dias depois realizado, leu Hebreus 13:7 e exclamou: "Doi-me o coração quando pronuncio o nome de Nala André. Êle partiu de seu país; deixou sua família; veio ajudar-nos. Não veio com a sua própria vida: veio com a nova vida de Deus nele... morreu por amor a um ovimbundo... Que a semente lançada por Nala André germine entre nós. Qual de nós tem amor igual? (o auditório murmurou: "ninguém"). Que a semente do seu amor germine". Comovente, não é?

Neste primeiro ano do "Plano de Revigoração da Igreja", cujo propósito especial consiste nas missões nacionais e coloniais, na infiltração social e na publicidade, já a comissão eleita no Sínodo Geral da Igreja Lusitana para lhe dar cumprimento entrou em correspondência com ilustres antistes coloniais, promoveu o registo da diáspora luso-católica, publicou o primeiro número do seu boletim "Despertar", e está agitando a questão da necessidade de mais pregadores e de "leitores licenciados", categoria criada numa resolução sinodal. Um dos nossos pregadores leigos, homem culto e consagrado, diz a este propósito: "Para a expansão e revigoração da Igreja, esta tropa de choque é indispensável"; e transcreve dum artigo de "The Church of England Newspaper", de 14 de Julho último: "O mais animador descobrimento feito na Igreja Episcopal (Americana) foi o vigor evangelístico do seu elemento secular. Porque ela compreendeu, como nós raras vezes o temos feito, que pela evangelização por meio dos leigos é que a Igreja crescerá".

Morreu Jaques Dalcroze, o "harmonioso Pestalozzi suíço-romando" que foi "não só compositor mas adorador" no dizer profundo do pastor Ernesto Christen, ao presidir ao serviço fúnebre celebrado em memória do malogrado artista, na catedral de S. Pedro de Genebra. A obra artística de Dalcroze, tanto a pedagógica como a hinológica, ficará viva em milhares de corações. A riqueza dos seus cânticos esbanjou-se por toda a vida do seu povo, ao cantar a Obra divina: "Fizeste-nos nascer num país encantado / Que seja o nome teu, Ó Mestre, celebrado"; como ao evocar um baptizado: "Um menino enfaixado a Ti vem, ó Senhor: / Que Te ame, este menino. / Acolhe o Teu cordeiro, ó Tu, Pastor Divino" / ou num casamento: "Tocam os sinos: Hosana! / Tocam com solenidade. / É o momento em que os noivos prometem fidelidade". Também ao expressar a confiança constante na Providência: "Para quê ter dos cuidados grande rol / negar, no dia escuro, o belo sol?" Bela alma, a de quem assim ensinou a cantar!

Vai fazer um ano, a 17 de Novembro, que o Supremo Tribunal do Rio de Janeiro julgou o "mandato de segurança" apresentado pelo Bispo de Maura contra o Acto do governo brasileiro que mandou encerrar a Igreja Católica Apostólica Brasileira, por "fazer concorrência à Igreja Católica Apostólica Romana". Nove ministros votaram contra o mandato e só o Dr. Haneman Guimarães opinou contra a decisão governamental, afirmando que ela atentava contra os princípios da Constituição vigente naquela nação que veda ás autoridades embaraçar o exercício dos cultos religiosos. Dando esta informação, ainda que tardia, cumprimos a promessa que fizemos aos nossos leitores. Saudamos aquele ilustre Brasileiro que não quis ver a sua Pátria feudo dum poder espiritual estrangeiro, assim como saudamos o nosso amigo Rev. Dr. Benjamim de Moraes que foi o advogado da Igreja perseguida e dignamente lutou pela lei do seu país e pela justiça da causa que lhe fora entregue.

Júlio Silva é um cavalheiro de 80 anos de idade e com 64 de Africa. Desses 64 cerca de

meio século passou-o, como "funante", no sertão de Angola, tendo sido funcionário administrativo depois de guarda-livros, comerciante, agricultor e industrial. As funções públicas que exerceu foram as mais variadas: comandante de divisão em Menongue, juiz popular e chefe do concelho de Caconda, vogal da comissão municipal de Quilengues, chefe do posto em Cachingues, em Cutato, em Caianda, administrador da C. C. do Bié, administrador interino do Moxico e efectivo do Alto-Zambeze... É uma autoridade, pois que nos vem dizer o seguinte das missões cristãs numa entrevista para o "Jornal de Benguela": "As Missões Católicas, últimamente sobretudo, muito estão operando no sentido de civilizar indígenas e gentios. E digo últimamente porquanto, antes da ocupação militar pouco puderam fazer de utilidade, por ser arriscado e ingrátissimo o meio em que actuavam. Não se pode negar às Missões Protestantes, por outro lado, a actividade despendida, consideravelmente—e isto muito antes da ocupação efectiva dos nossos territórios de Leste". Vale a pena meditar nestes dizeres imparciais.

Foi a 11 de Novembro de 1620, vai fazer 330 anos, que os "Pais Peregrinos" assinaram o seu pacto, a bordo do "Mayflower", à vista da inospita costa do Cabo Cod. Rezava assim: "Na presença de Deus e na presença uns dos outros, por este Acto, nós nos reunimos num corpo político e civil, para manter entre nós a boa ordem e alcançar o fim que nos propuzemos. Nós faremos e estabeleceremos leis justas e equitativas, actos, ordenanças, constituição e funcionários que nos convenham, conforme julgarmos oportuno e útil para o bem geral da nossa colónia. Mediante o que prometemos toda a obediência e submissão devida". Foi assim: fundados em ordem e obediência, sem o que nada de grande se faz.

Um jóvem espanhol, culto e amável, dizia-me há dias: "el português es una mescla..." Fiquei maravilhado com a sem-cerimónia com que se fazem afirmações não medidas nem ponderadas! Todas as línguas modernas, de povos que mais ou menos entraram no concerto da civilização, estão eivadas de vocábulos e de fórmulas exóticas, mas nenhuma tem perdido a sua estrutura peculiar. De maneira que a lingua dos Portugueses como os

diversos idiomas ibéricos, tirante talvez o biscoito, e do mesmo modo as outras línguas novi-latinas ou germânicas, etc. são uma mescla vocabular numa estrutura peculiar. Fazer uma referência especial do português é falta de lógica, pelo menos.



Toda a cristandade reformada de Portugal sente hoje a perda de Ernesto Ricardo Holden, que um atropelamento, em 9 de Setembro último, arrancou à sua querida família, à congregação de que ele era o principal esteio, em Almada, às numerosas instituições que servia com uma dedicação e um desinteresse exemplares e, enfim, a todos os que o conheciam e por isso o estimavam, no meio evangélico, como no meio industrial corticeiro, de que se aposentara há poucos anos, e no meio militar com o qual conviveu na Primeira Grande Guerra, como capitão britânico e agente de ligação com o C. E. P. Ernesto Holden nascera em Lisboa e era filho do Rev. Ricardo Holden, ministro episcopal que muito trabalhou no Brasil e em Portugal, ao serviço da sua Igreja e mais tarde em assembleias independentes.



Toronto, no Canadá, foi a cidade escolhida para o Congresso Mundial das Escolas Dominicais. Tomaram parte neste congresso 4.500 representantes, vindos de toda a parte. O lema era "Cristo Instrutor e Senhor". A imprensa diária acolheu com entusiasmo o grande certame, que teve o patrocínio do Primeiro Ministro. Ali esteve, com todo o peso do seu prestígio, o grande industrial escocês Lorde Mackintosh, presidente do Conselho Mundial de Educação Cristã. De Portugal compareceu em Toronto o nosso amigo sr. José Ilídio Freire, que representava 42 escolas dominicais do país.



Telegramas do Rio de Janeiro, de 5 de Agosto, falam-nos do "início de um movimento tendente a demonstrar às gerações de hoje o que foi a obra gloriosa e imortal realizada pelos portugueses, na expansão e na defesa da Pátria Brasileira; o que foi o sacrifício de várias gerações lusíadas que vararam a imensidão dos territórios da América do Sul, vencendo dificuldades sobre-humanas, plantando por toda a parte o pavilhão das Quinas e fazendo surgir, miraculosamente, das

suas peugadas vilas e cidades, até onde chega hoje, do litoral aos extremos da periferia fronteiriça, a soberania do Brasil". Registemos a bela declaração, sincera e espontânea, e tão necessária, como ides ver: Certa vez, numa cidadezinha mineira, um rapazote em idade escolar, que me ia observando com simpatia desde há minutos, mas evidentemente sustentando uma luta interna, perguntou-me à queima-roupa, com toda a candura infantil: "**Seu reverendo**, é verdade que os Portugueses vieram cá ao Brasil para nos levar o ouro todo?". Admirei a lealdade da criança, que assim me falava sem reboço e sem refolho, e respondi-lhe: "Sim meu amigo, os portugueses, quando descobriram esta terra levaram de cá ouro, bastante ouro, o que é muito pouco, mas deixaram aqui o seu sangue, as suas lágrimas, e o seu suor, o que é muito, o que é tudo. Se não te ensinaram isso, aprende-o agora, pois é verdade inteira. Só a verdade inteira é verdade".

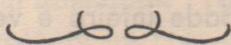


Dizia o Major Santos Ferreira que a Igreja deveria promover a revisão dos processos de muitas das velhas heresias, pois estava ele convencido de que bastantes delas não eram mais que escolas de definição teológica que o alto clero de outrora condenara e segregara, e que se haviam tornado alvo de muitas acusações gratuitas ou deturpações apaixonadas. Quem acompanha a actual querela dos dois ecumenismos, o **compreensivo** e o **expurgativo**, e assiste com justificado espanto a certas citações mutiladas, insinuações levianas ou condenações inquisitoriais, dá razão ao pensamento do saudoso major Santos Ferreira. No Brasil vai acesa a luta. Entre nós, portugueses, parece irmos a caminho da posição de certo sujeito do nosso antigo conhecimento, que costumava entrar numa disputa acalorada, dizendo a quem o interpelava: "Também sou da sua opinião e não discordo da contrária..."



Consta-nos que vai sair do prelo, em nova versão portuguesa completa, o mais famoso discurso do Dr. Henrique Drummond, "A Coisa Maior que há no Mundo". Estão há muito esgotados em Portugal este e outros discursos de Drummond: "A Cidade sem Igrejas", "A Mudança que é possível na Vida", os quais em seu tempo produziram

grande impressão, até no nosso meio tão sorna. Drummond nasceu em 1851, e aos 26 anos era cate-drático de História Natural na Universidade de Glasgow, segunda cidade de seu país, depois de ter cursado teologia e filosofia em Edimburgo e Tübinga. Faz agora sessenta anos que ele proferiu, perante uma assembleia de estudantes, o discurso que sairá agora de novo entre nós. Enquanto fez uma excursão científica à Niassalândia e Tanga-nica, esse discurso foi impresso sem que ele soubesse, e em brevíssimo tempo se vendeu dele um quarto de milhão de exemplares, em doze edições. Vertido em várias línguas, por toda a parte logrou grande acolhimento, assim como outro discurso que depois fez: "Pax vobiscum". Toda a sua obra, a espiritual assim como cien-tífica, goza de grande nomeada. Que o opúsculo anunciado venha a ser nova bênção entre nós.



## A Dogma da Assunção

O artigo que segue é uma tradução, ligeiramente adaptada, dum trabalho publicado da revista "EL PRE-DICADOR EVANGÉLICO", Vol. VII, pág. 224, da autoria de Jorge A. Barrois, ex-monge dominicano francês e pro-fessor de arqueologia bíblica nos colégios da Ordem em Jerusalem, Bélgica e França, ordenado ministro presbite-riano em 1941 e, desde então, professor do Seminário Teológico de Princeton, o mais ilustre centro de estudos teológicos da América do Norte.



**R**OMA celebra o jubileu de 1950. Nas quatro grandes Basílicas, "as portas santas", fechadas desde 1925, admitem multidões de peregrinos, e serão concedidos a todos os católicos romanos do orbe alguns privilégios em matéria de indulgências e bênçãos especiais. Os jubileus têm cerimónias pre-fixas, mas este ano santo vai ser marcado por um acontecimento extraordinário: no dia 1 de Novembro, o Papa definirá o dogma da Assunção de Maria. Em linguagem comum, isto significa que o Papa declarará solenemente que, depois de morta, Maria, a Mãe de Jesus, foi em corpo levada ao Céu, e esta declaração terá que ser recebida como artigo de fé por todos os católicos romanos.

A definição da Assunção de Maria estava na pasta do Concílio do Vaticano, em 1870. O Con-cílio, porém, levantou as suas sessões prematura-mente, depois de ter proclamado a infalibilidade pessoal do Papa em matéria de fé e de costumes. Desde então, os teólogos católicos têm estudado, tanto pessoalmente como em comissões, a questão de saber se é possível ou oportuna tal definição. Nos últimos anos têm sido dirigidas à Sé Apostó-lica numerosas petições rogando que o Santo Padre defina a crença na Assunção de Maria como uma parte integrante da fé. Por consequência, é oportuno considerar o que significa, para os cató-licos romanos, o acto conhecido como "definição-dogmática" e valorizar o conteúdo da lenda da Assunção.

### Que é uma "Definição Dogmática" ?

É prerrogativa do Papa, por si ou juntamente com um Concílio Universal, declarar que a dou-trina é um artigo de fé. Visto actualmente não estar em funções nenhum Concílio Universal, a definição da Assunção de Maria será um acto do Papa, falando ex *cathedra* — isto é, na sua quali-dade de Cabeça Visível da Igreja Universal — e a aceitação do dogma recentemente *proclamado* será obrigatório para todos os católicos romanos.

As palavras *recentemente proclamado* merecem atenção particular. No conceito roma-nista, a novidade está, não no dogma, mas na sua proclamação, porque Roma afirma que nunca inova. Em teoria, a Assunção de Maria é uma doutrina revelada e, como tal, pertence ao depósito da fé entregue à Igreja desde o tempo dos Apóstolos.

Na realidade, até agora, a Igreja não declarou que esta crença particular fosse um dogma ou artigo de fé. Até agora, os católicos romanos têm estado na liberdade, ao menos teórica, de acreditar nela ou não. Explica-se esta anomalia com o argumento seguinte: alguns católicos, mesmo gerações deles, como não tiveram conhecimento dos factos que se seguiram à morte de Maria, enquanto a Igreja se não pronunciar formalmente sobre a questão, não são obrigados a aceitar a Assunção como um facto; porém, uma vez que o Papa declare formalmente a doutrina, então ela se converterá em um *dogma*, um ensino para o qual se exige a aderência plena e explícita de todos. Daí em diante, os católicos, para duvidar do milagre da Assunção ou discutir a sua impor-

tância para a salvação, não terão mais liberdade do que aquela que possuem a respeito doutros artigos de fé (a Trindade, a Encarnação, o Nascimento Virginal, a Ressurreição, etc.)

### Nova Oportunidade para Heresia

Como as coisas estão actualmente, a doutrina de que Maria foi trasladada em corpo para o Céu depois da sua morte é considerada como uma *opinião pia*, e os católicos romanos que têm dúvidas sobre elas não incorrem em penalidade maior que a censura por ousarem opor-se ao sentimento comum dos seus correligionários. Contudo, mal esta *opinião pia* seja elevada á dignidade de *dogma* pela proclamação do "Vigário de Cristo", serão apontados como hereges. Àquele que duvidar da Assunção aplicar-se-lhe-á a solene advertência dirigida por Pio IX aos que duvidavam da Imaculada Conceição (definida em 1854): — "*Se alguém, não o permita Deus, ousar sentir em seu coração coisa diferente daquela por nós definida, saiba o tal, e tenha-o por seguro, que está condenado pelo seu próprio juízo, que a sua fé naufragou e que se apartou da unidade da Igreja*". Por outras palavras, para tais dissidentes não pode haver salvação.

### As fontes da doutrina da Assunção:

#### a) Escrituras.

Sobre que provas poderia basear-se a doutrina da Assunção?. É perfeitamente óbvio que não tem fundamento algum nas Escrituras. Já, pelos fins do século IV, Epifânio assinalava que os Evangelhos guardam silêncio quanto ao facto e às circunstâncias da morte de Maria: "*Esquadrinhe qualquer das Escrituras. Não lerá que Maria morreu ou que não morreu; nem que foi sepultada ou que o não foi*". Porém, a Igreja Romana pretende ter uma segunda fonte de conhecimento da verdade, a saber, a tradição apostólica. Até ao século XVI, a Escritura tinha sido considerada como o depósito principal, e, em certo sentido, único, da Palavra de Deus. Todavia desde o Concílio de Trento, Roma reconhece a tradição apostólica não escrita como um órgão da revelação divina de valor igual ao das Escrituras.

#### b) A tradição.

A tradição apostólica não escrita é, pela sua própria natureza, algo sumamente evasivo. Não pode obter-se directamente, senão indirectamente,

através do testemunho das sucessivas gerações cristãs. Citemos, pois, esses testemunhos.

O primeiro relato escrito da Assunção de Maria (isto é da sua trasladação ao Céu) está contido em um documento apócrifo comumente chamado o *Liber transitus* (Livro de trânsito de Maria) do qual circularam numerosas versões durante o século IV e talvez já no século III. Segundo alguns críticos, o *Liber transitus* procede dos círculos gnósticos e as partes relativas à Assunção podem ser interpolações posteriores. Os detalhes da história, variantes duma ou outra versão, logo se desenvolveram num considerável conjunto de lendas que guias pouco escrupulosos relatavam os peregrinos visitantes dos lugares santos.

De princípio, não havia acordo quanto ao lugar onde Maria teria acabado os seus dias. O Livro dos Actos menciona a sua presença com os doze na manhã da Ascensão, e é muito provável que estivesse em íntima ligação com a Igreja primitiva de Jerusalém. Por estes motivos, o seu trânsito se comemora na Igreja de Santa Sião, construída, presume-se, no sítio da casa em que os discípulos se reuniam depois da Ressurreição. Gradualmente, o facto de que a morte de Maria se comemorasse no Monte de Sião foi-se convertendo em prova topográfica. Pelos meados do século V, Juvenal, patriarca de Jerusalém, pretendia conhecer o sítio em que havia sido enterrado o Corpo de Maria antes de ser levado ao Céu, e construiu-se uma Igreja para encerrar a tumba vazia.

Pelo século VIII, os presumidos lugares da morte, sepultura e Assunção de Maria em Jerusalém estavam assinalados por muitos monumentos. Os guias indicavam o ponto em que o anjo notificou Maria de que os dias da sua peregrinação chegavam ao fim. A lenda diz que os Apóstolos, que estavam dispersos por todo o mundo, foram levados miraculosamente ao redor do leito de Maria e assistiram aos seus últimos momentos. Perto da casa de Maria, vê-se o lugar onde um judeu, que ousou pôr a sua mão sacrilega sobre o féretro, ficou paralítico. O corpo foi colocado num sepulcro novo no Getsemani e foi levado ao Céu acompanhado de melodias angélicas que ressoavam nas alturas. Os Apóstolos presenciaram o milagre da Assunção, como haviam contemplado antes a Ascensão do Seu Senhor. Uma rocha vizinha atesta o lugar onde se diz que Maria, no curso da sua subida, deixou cair o seu cinto nas mãos de Tomé, incrédulo como sempre.

O testemunho das fontes apócrifas e topográficas não tem deixado de ser discutido. A Igreja de Éfeso negou que Maria tivesse morrido em Jerusalém. Não havia ela seguido o Apóstolo João para a Ásia Menor? Uma Carta Sinodal enviada a Constantinopla pelos bispos reunidos em Éfeso para o Concílio de 431, parece afirmar que esta cidade possui os túmulos de João e de Maria, "a Virgem Mãe de Deus". Rivalidades de Santuários? — Talvez; mas também um protesto contra as fantasias exegéticas da apócrifa.

O "Decreto do Papa Gelásio" (fins do século V) colocou o *Liber transitus* entre os escritos proibidos. Quanto a Juvenal, o patriarca de Jerusalém que edificou a Igreja de Santa Maria de Getsemani, o seu carácter não está isento de suspeitas. As suas intrigas a favor do monofisitismo no famoso "Concílio Ladrão" (449) e a sua conversão de última hora em vésperas do Concílio de Calcedónia falam pouco a seu favor. Pode ser que não tenha inventado as histórias de Jerusalém, porém explorou impudicamente uma superstição local.

Històricamente, é mais provável que Maria morresse na Palestina do que em Éfeso porque no ano 59 d. de J. C., quando Paulo se dirige aos cristãos desta cidade (Act. 20:17-38), João não tinha ainda chegado à Ásia Menor. Maria teria então, pelo menos, oitenta anos de idade, e é improvável que pudesse acompanhá-lo para uma viagem tão grande e perigosa. Nada se pode afirmar com certeza quanto ao seu túmulo em Jerusalém, e a história da sua Assunção é, no melhor dos casos, uma "lenda pia" que, durante séculos, tem sido comercializada pelos guardas do santuário.

### c) A Liturgia

Quando a Assunção de Maria passou à liturgia da Igreja é coisa que se não sabe. A festa celebra-se no dia 15 de Agosto, possivelmente, a data da dedicação da Igreja construída por Juvenal. A liturgia romana para esta festividade utiliza em grande parte o Cântico dos Cânticos. Nas primeiras três lições, o louvor da Esposa de Salomão interpreta-se como tipificando a glória de Maria e o convite a baixar à pressa do cimo dos montes e das claras fontes do Líbano, diz-se que ilustra, por falta de provas bíblicas, o desejo da corte celestial de dar a boa-vinda à

Virgem coroada. As lições 4.<sup>a</sup> a 6.<sup>a</sup> são tomadas de um sermão de S. João Damasceno sobre a *dormitio*, o sono de Maria. Os detalhes da lenda local registados na sua totalidade por este padre omitem-se no breviário romano, no qual se encontram só aquelas passagens que descrevem a gloriosa Assunção de Maria e a louvam como a segunda Eva e verdadeira mãe dos viventes. Como fosse impossível achar um texto dos Evangelhos para a missa e para as lições 7.<sup>a</sup> a 9.<sup>a</sup>, a liturgia aproveita-se duma homília de Sto. Agostinho sobre Lucas 10, que não tem relação alguma com o objecto da festividade.

O ritual e a liturgia são considerados a meudo como fontes legítimas de doutrina pelos teólogos romanistas que fundam a sua opinião no adágio *Lex orandi, lex credenti* — "a lei da oração é a lei da crença". Esta é uma fórmula perigosa. Em alguns casos a oração e a experiência espiritual da comunidade bem podem influir no desenvolvimento das ideias religiosas, porém nem todas as formas de oração e nem todas as espécies de experiência devem ser aprovadas. Há-as que não podem facilmente ser libertadas do estigma duma origem duvidosa ou espúria e jámais deveria permitir-se que elas determinassem as crenças.

É digno de notar-se que os eruditos e teólogos da Idade Média, ainda que se declarem servos devotos de Maria, e cantem os louvores "daquela que está exaltada para além dos coros do anjo", são extremamente reservados quando se trata da questão da sua assunção corporal. A sua teologia avança a passo mais lento que o culto público e a devoção popular. Para eles os factos e os mistérios de Maria são só indirectamente objecto da sua especulação na medida em que alguns deles estão essencialmente relacionados com os mistérios de Cristo e a economia da nossa redenção.

### A Argumentação Dogmática

Os modernos teólogos romanistas têm desenvolvido a interpretação do que sabem — ou supõem — acerca de Maria, como um capítulo independente da dogmática. Cunharam para esta pseudo-ciência o nome de Mariologia. No caso de doutrinas tais como a Imaculada Conceição e a Assunção, como não podem achar bases sólidas, vêm-se reduzidos a buscar harmonias ocultas ou razões de conveniências.

## COMEMORAÇÕES LITÚRGICAS ~ OUTRAS COMEMORAÇÕES DO TRIMESTRE ACTUAL

18 de Outubro: S. Lucas Evangelista  
 28 de Outubro: S. Simão e S. Judas Apost.  
 1 de Novembro: Todos os Santos.  
 30 de Novembro: Santo André, Apost.  
 3 de Dezembro: Domingo do Advento.  
 21 de Dezembro: S. Tomé Apost.  
 25 de Dezembro: Natal de N. Senhor.  
 26 de Dezembro: Santo Estêvão M.  
 27 de Dezembro: S. João Evangelista e Apost.  
 28 de Dezembro: Santos Inocentes.

1 de Outubro: Comunhão Mundial.  
 5 de Outubro: Festa da República Portuguesa.  
 8 de Outubro: Festa das Colheitas.  
 22 de Outubro: Dia das E. D. Europeias.  
 31 de Outubro: Festa da Reforma  
 2 de Novembro: Dia da Saudade.  
 11 de Novembro: Festa da Vitória.  
 1 de Dezembro: Independência Portuguesa  
 24 de Dezembro: Serão da Família.  
 31 de Dezembro: Vigília do Ano.

## NO ÁTRIO

### ANO ECLESIAÍSTICO E ANO CIVIL

**A**NELAMOS pela unção de Graça e pela plenitude da Fé, desde o primeiro Domingo deste trimestre, o dia 1 de Outubro, dedicado à Comunhão Mundial Cristã, como no décimo Domingo, o do Advento, início do ano eclesiástico até ao décimo quarto, com que terminará o ano civil. Que tanto na nossa vida social como na religiosa seja sempre o nosso testemunho fecundo em resultados e aprovado por Deus.

## NA NAVE

### DIAGNOSE E RECEITUÁRIO DE S. LUCAS

*"Sauda-vos Lucas, o Médico Amado"*

*Aos Colossenses 4:14*

**S**E São Paulo nos não tivesse dito que o seu amado companheiro Lucas era médico, creio que se teria descoberto, desde há muitos séculos, que este escritor bíblico tinha especial predilecção pelos assuntos que com a medicina se prendem.

É certo que também ele nos aparece como o pioneiro de determinados assuntos sociais e artísticos. É o único que regista

os primeiros hinos cristãos, o *Benedictus*, o *Magnificat*, o *Glória in Excelsis*, o *Nunc Dimittis*; é o mais estilista dos narradores do Novo Testamento, como o demonstram, por exemplo, a descrição do naufrágio de S. Paulo e da sua atitude perante o rei Agripa; e nenhum outro evoca com tanto relevo a Mulher, a intuição, a actuação e a posição desta na Igreja nascente. Mas isto não invalida a sua evidente vocação médica, e bem sabemos que outrora como hoje fazem muitos médicos vibrar o seu "violino de Ingres", isto é, ocupam as horas que lhes ficam livres do seu mister em alguma outra actividade que lhes sirva de descanso. S. Lucas era um médico amante da arte e sensível a problemas delicados, como tantos outros médicos antigos e modernos; e Deus aproveitou essa tendência.

Agora, verifiquemos a asserção: é Lucas quem, nos Evangelhos, diagnostica a concepção de João Baptista e de Jesus (cap. 1, *passim*) e quem descreve a morte de nosso Senhor no "grande brado" (23:46); quem, evocando os últimos dias, reproduz o que Cristo disse dos homens "mirrando-se de susto" (21:26) e o único que, ao falar da agonia do horto, alude ao suor de "sangue" (22:44). Da filha de Jairo ressuscitada diz que "a alma se lhe tornou" (8:55) e do Bom Samaritano, ao cuidar do ferido, diz

que lhe lançou nas chagas "azeite e vinho" (10:34). Diz-nos que o rico em tormentos pede miudamente, que Lázaro vá refrescar-lhe um pouco a língua com o dedo molhado (16:24) e que a orelha cortada pela imprudência de Pedro, foi restituída a Malco pela benignidade do Mestre (22:51).

Só o estudo do coração em Lucas daria um formoso ensaio em quatro capítulos: Maria guardando no seu coração tudo aquilo a que assistia (2:51); os corações dos dois viandantes a caminho de Emaús, abraçados com o que escutavam dos lábios de Cristo ressuscitado (24:32); os corações dos Apóstolos perturbados com os pensamentos que a eles subiam (24:38); e os corações dos últimos homens "pesados com as demasias da mesa" (21:34); assunto próprio para o psicólogo cristão.

Diagnósticos psicológicos, há ainda dois admiráveis no seu Evangelho: Pedro no monte da Transfiguração, pede que fiquem ali, esquecido da missão que eles tinham de empreender, e "não sabendo o que dizia" (9:33), e o Senhor na cruz ora por nós que O crucificámos, exclamando: "Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem" (23:34).

Vemos ainda o "médico amado" formulando o quádruplo crescimento do Adolescente, em sabedoria, em estatura, em graça para com Deus e em graça para com os homens" (2:52); vemo-lo recordando a profecia de Cristo acerca da suspeita em que haviam de o envolver, ao aplicar-lhe este provérbio: "Médico, cura-te a ti mesmo" (4:23); vemo-lo por fim pondo em cena bem real o Mestre, quando argumenta: "um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho" (24:39).

Mas para o fim deixei a referência à pobre possessa que, andando encurvada,

"não podia olhar para cima" (13:11). O Médico Divino a curou, Aleluia!, como nos curará a nós se o inimigo nos encurva e nos não permite *olhar para cima*.

Amigo, o "Médico Amado" vos saúda; e aponta para o "Médico do Amor", o médico divino que nos cura e nos faz olhar para cima!

---

## FLORILÉGIO DA ORAÇÃO

ACEITA, Senhor, em Tuas mãos, toda a minha liberdade; recebe a minha memória, vontade e inteligência. Tudo o que tenho e possuo, foste Tu, Senhor, quem mo deste; eu To entrego, Senhor, sem reserva alguma, para que a Tua vontade de tudo disponha. Dá-me sómente o Teu amor e a Tua graça e serei bastante rico, e outra coisa não Te peço.

AMEM!

(Inácio de Loiola)

< : >

## ORAÇÃO PELA UNIDADE

SENHOR Jesus Cristo, que disseste aos Teus Apóstolos "a paz vos deixo, a Minha paz vos dou": Não olhes para os nossos pecados mas para a fé da Tua Igreja, e concede-lhe aquela paz e união que se coaduna com a Tua vontade; Tu que vives e reinas, com o Pai e o Espírito Santo, um só Deus pelos séculos dos séculos.

AMEM!

(Liv. de Or. Ing. de 1928 —  
Adapt. do Missal Romano).

(Conclusão da pág. 8)

Os argumentos dogmáticos dos teólogos que apoiam a Assunção podem ser resumidos brevemente como segue: é chocante supor que o corpo da Santa Mãe estivesse sujeito à corrupção e é próprio crer que lhe foram evitados os horrores do sepúlcro. Por consequência, as palavras do salmo 16:10 — "Não permitirás que o teu santo veja a corrupção" aplicam-se adequadamente a Maria, pois ela era uma mesma carne com seu Filho.

A incorruptibilidade do corpo de Maria, considera-se também como uma consequência directa da sua perpétua virgindade — um artigo de fé da Igreja Romana, apesar das dificuldades que surgem da menção dos irmãos de Jesus no Novo Testamento.

Além disso, a Imaculada Conceição de Maria — quer dizer, o dogma de que estava livre da mancha do pecado original que infecta todos os filhos de Adão menos a ela — torna difícil crer que pudesse permanecer nas garras da morte até ao dia final. Portanto, era adequado que o Altíssimo antecipasse a sua glorificação.

O menos que pode dizer-se desta inferência é que está longe de ser convincente. O dogma da Imaculada Conceição, que começou a fazer parte da fé romanista em 1854, está baseado, à falta de apoio público, em tradições eclesiásticas, apesar das vozes dissidentes de Bernardo e Tomás de Aquino.

Os argumentos a favor da Assunção podem ser engenhosos, mas não são teologia.

### Prescindíveis jóias falsas

Que conclusão tiramos, nós os protestantes, deste testemunho? Primeiro, e por suposto, objectamos categoricamente ao processo de definição dogmática como exercício directo da presumida infalibilidade papal. Pelo que respeita à Assunção de Maria, a nossa opinião é que as Escrituras não oferecem justificação alguma para a mesma, e que os raciocínios de conveniência desenvolvidos pelos teólogos romanistas não são nem decisivos, nem deduzidos de premissas incontrovertíveis. A Virgem de Nazaré, que o anjo saudou como cheia de graça, não deve ser honrada com ficções nem necessita de jóias falsas.

Com esta definição dogmática, agora iminente, o abismo entre Roma e as outras igrejas cristãs vai afundar-se mais sem proveito para ninguém. E já não há esperança de que Pio XII deixe de falar "ex cathedra" sobre o assunto.

Versão e adaptação do Dr. D. Pina Cabral, presb.

## CONSIDERAÇÕES EM TORNO À ALMA ANGLICANA

José Del Nero

**V**IMOS em nosso primeiro trabalho que a Alma Anglicana se resume no esforço de conjugar os elementos católico, protestante e liberal da cristandade.

O catolicismo e o protestantismo no seio do anglicanismo não são meras juxtaposições, mas componentes de um todo orgânico. Não é um compromisso entre elementos antinómicos; uma colcha de retalhos; um anémico ecletismo. É uma vigorosa síntese, é uma combinação e não uma mistura.

No entretanto, manda a honestidade que se diga que não poucas vezes o estado de mistura é mais aparente do que o da combinação. Porquê? Pelo seguinte: a combinação não é fácil, mas é esta a direcção, é este o caminho certo. A posição da Igreja é difícil mas é gloriosa. Apesar da nossa aparência de reacionarismo, de sedentarismo obeso, de excessivo tradicionalismo, a nossa posição é essencialmente de aventura e temos que pagar o preço deste arrojo, que é uma certa dose de confusão. Em outras palavras, por amor ao que nós colimamos, que é a síntese, que é a combinação de duas religiões dentro de uma só Igreja, faz-se mister, temporariamente, arrostar-se uma certa dose de confusão. Aliás, quem não se expõe a balas não ganha vitórias.

Agora, se perseguimos esta combinação, a implicação tácita é esta: que catolicismo e protestantismo, nas suas formas mais essenciais, não são realidades antinómicas. Elas se completam. São formas diferentes mas não antagónicas. É como diz o grande bispo Manning, diocesano de Nova York: "As verdades que o Catolicismo e o Protestantismo enfatizam, não são contraditórias mas complementares; cada uma das verdades necessita da outra para o seu enriquecimento e ambas são necessárias à vida completa e ao poder da Igreja de Deus".

Aliás, este é o esforço anglicano. Nas palavras de William Temple: "O anglicanismo combina a herança de uma tradição católica continua com a tradição reformada e a cultura

moderna". O catolicismo e o protestantismo são fases ambas necessárias da longa vida da igreja e ambas as fases devem ser preservadas porque elas são passíveis de combinação. É o testemunho da Igreja Anglicana.

Vejamos, grosso modo, como protestantismo e catolicismo, nas suas formas básicas, não se digladiam mas exigem-se. Na interpretação da Bíblia, o catolicismo é pela autoridade e o protestantismo é pela liberdade, pelo livre exame.

Agora, o catolicismo pode enfatizar tanto a sua autoridade que mata a liberdade. Mas autoridade e livre exame podem coexistir. Não é uma questão disto ou daquilo — autoridade ou livre exame, mas de ambos. Convém lembrar parenteticamente, que a Bíblia é um livro da Igreja; antes que a Bíblia fôsse escrita a Igreja já existia, foi ela quem deliberou sobre os livros do Novo Testamento. É natural, portanto, que a Igreja pese e pese bastante na interpretação da Bíblia. (A alternativa é uma Babel insuportável). Mas, esta autoridade da Igreja, longe de matar a liberdade individual, o livre exame, dá-lhe normas seguras, amadurece-a. Com a tradição da Igreja, a liberdade individual não será a liberdade de um energúmeno mas a de um indivíduo orientado.

Demos outro exemplo: o catolicismo dá ênfase à vida do corpo, do todo, da instituição, e o protestantismo dá ênfase ao indivíduo.

Pois bem, a importância do elemento institucional da religião pode ser considerado tão grande que o indivíduo pereça e vice-versa. É preciso evitar-se os seguintes extremos: o indivíduo como instrumento da Igreja e a Igreja como mero instrumento do indivíduo. A expressão social — a vida da Igreja — é absolutamente necessária, e absolutamente necessário também é o acesso directo de cada alma a Deus. "Cheguemos com confiança ao trono da celeste graça". As realidades corpo e indivíduo não se invalidam mas completam-se. O anglicanismo equaciona o problema sempre desta maneira: não é isto ou aquilo, mas é isto e aquilo.

Demos um terceiro exemplo: O catolicismo empresta uma grande importância à graça sacramental e o protestantismo à experiência pessoal na religião. Outra vez, apesar das aparências, estes elementos não constituem realidades antinómicas. Mister se faz frequentar os sacramentos e mister se faz por igual uma genuína experiência de Deus na alma do homem, e esta

experiência é alimentada pela frequência aos sacramentos.

Para se viver, não basta nascer, é preciso ser-se alimentado. Portanto, a experiência pessoal em religião não destrói a graça sacramental.

Vimos, pois, que os princípios católicos e protestantes são necessários uns aos outros. É, aliás, a ideologia da Igreja da Inglaterra.

"As versões católicas e protestantes do cristianismo tendem à colisão", é o que afirma o professor Grant do Seminário Unido em Nova York. E isto é verdade não somente em abstracto mas em concreto e contra os factos não há argumento.

O tipo católico, diz o professor Rowlinson de Oxford, tem atingido o seu máximo de eficiência, quando em colisão, numa só pessoa, com a Alma Evangélica, e a recíproca também é verdadeira: "um verdadeiro evangélico é um verdadeiro católico", é o que diz o ilustre bispo Tucker, presidente da Igreja Episcopal dos Estados Unidos.

Releve-se ainda o seguinte: católico e protestante são em parte questões de temperamento e a igreja deve abrigar com alegria os temperamentos diversos, as várias naturezas criadas pelo próprio Deus. Não só a mente deve ser alimentada, mas o homem todo.

Entremos aos factos. Entre os presbiterianos, diz o iminente deão Inge, há uma ala cujos gostos e mentalidades são essencialmente católicos e também, *mirabile dictu*, há protestantes genuínos na igreja de Roma... Está escrito na natureza das coisas: faz parte da economia cristã que uns serão católicos e outros protestantes. São imperativos da própria natureza de Deus. É como já se disse com propriedade que, como em filosofia já se nasce platónico ou aristotélico, assim também em religião já se nasce protestante ou católico.

Bem-aventurada a Igreja que souber receber no seu seio caridoso ambos os temperamentos. É a ideologia anglicana. À guisa de remate afirmamos:

Na sua vera essência, Catolicismo e Protestantismo não são correntes contrárias, são correntes paralelas que correm de uma só nascente para uma só foz — que é o grande mar da verdade, verdade mais profunda por isto que integral. Se assim não fôra, a Igreja Anglicana não passaria, apesar de suas veleidades, de síntese de uma confusão organizada, de uma casa dividida contra si mesma, de uma guerra civil.

A largueza anglicana é uma correspondente da própria vida onde não há duas folhas iguais. A diversidade da Igreja é uma expressão da diversidade da própria vida. A Igreja não é criação de um cérebro potente. A têmpera escolástica, seja protestante ou católica, venha de Genebra ou de Roma, nos é alheia. A Igreja não foi achada na conclusão de um silogismo, mas no *mare magnum* da própria vida. E a vida é muito maior do que a lógica. A norma de nossos irmãos romanos é o silogismo, a norma da Igreja Anglicana é a regra do polegar. E com este polegar ela toca o organismo da vida... Isso não quer dizer que não se pense; que se abandone a razão, mas é a razão do homem inteiro, é razão, e não mero racionalismo, é vida e não silogismo. Mesmo fora da religião nós verificamos como a lógica obstrui a vida. O deão Inge, numa conferência que pronunciou sobre a poesia religiosa inglesa, pergunta: "Porque o tipo de religião da Igreja romana, tão rico em cores, tão luxuriante em fantasia, é incapaz, nos tempos modernos, de produzir poesia de primeira classe? Esta fraqueza, pondera ele, talvez esteja no seguinte: na força do romanismo, na precisão dos seus dogmas e na rigidez de ferro da sua lógica. É a lógica afogando a vida. O primado da Igreja Anglicana é o primado da vida, ela é um espelho da mesma vida onde não há duas folhas iguais.

Estamos fazendo considerações sobre a Alma Anglicana. Façamos agora uma última — a atitude de sábio relativismo.

Com efeito, porque é ela a Igreja do tu podes e não do tu debes, na afirmação luminosa do cônego Holland? Porque o espírito de regimentação aberrante do anglicanismo? Porque a sua unidade não se recalca na uniformidade e sim na mais vasta diversidade? Porque não se calca aos pés a injunção apostólica, "Estai pois firmes na liberdade com que Cristo vos libertou?" Porque é a Igreja mais liberal da cristandade, na afirmação do lúcido Dr. Garbett, arcebispo de York? Respondamos.

A sua tolerância não se baseia na indiferença mas no seguinte: a verdade completa não é o quinhão da terra. "Agora vemos em enigma, mas então face a face". O quinhão da terra é a parcela, é o arco quebrado e não o círculo perfeito. A probabilidade é a regra da vida, diz o bispo Butler. A mentalidade de absolutos aberrante

do anglicanismo. E esta mentalidade não é privativa de Roma...

Podemos dar a impressão de que nós ainda não nos achamos. Faço cômico com um dos nossos ilustres teólogos, quando a refutar Santaiana, que atacou o protestantismo nos termos acima.

Esta falta de cristalização, esta falta de ancilamento de juntas, é sinal de juventude do organismo! Em que pese às aparências de racionalismo, de tradicionalismo retrógrado, de senilidade, a nossa posição é de aventura e aventura gloriosa. Não julgo ter ainda alcançado, mas uma coisa faço: dirijo-me em direcção ao alvo. Colimamos nada mais nada menos do que uma síntese final de todos os valores da cristandade.

---

## NA SEARA

---

### Visita do Revmo. Arcebispo

Está quase assegurada a visita do Revmo. Dr. Gregg, Lorde-arcebispo de Armagh, venerando presidente do Conselho de Bispos que patrocina a nossa Igreja. Esperamo-lo no começo de Outubro, quando ECCLESIA estará em distribuição, para celebrar o rito da confirmação a muitos fieis e para impor ordens sacras de diácono a um pregador e de presbítero a um diácono: os nossos amigos srs. Luiz M. Crespo e Rev. Dr. Luiz Rodrigues Pereira.

### Ano escolar evangélico

Registaram-se no final deste ano os seguintes animadores resultados nas nossas escolas:

Aprovações nos exames de 3.<sup>a</sup> classe: 1 no Candal, Gaia; 8 no Bonfim, Porto; 3 nas Janelas Verdes, Lisboa. Total 12. Nos exames de 4.<sup>a</sup> classe: 9 no Torne, Gaia (com 6 distinções); 15 no Prado, Gaia (com 5 distinções); 4 no Candal (com 1 distinção); 6 no Bonfim e 7 nas Janelas Verdes (com 3 distinções): Total 41 aprovações, incluindo 15 distinções. Houve ainda 3 aprovações no Torne, em admissão ao curso preparatório de comércio; 3 no Prado em admissão ao mesmo curso e 1 em

# Glória

Música de  
Dr. Leopoldo de Figueiredo

O Ministro  
(enfando todos de joelhos)

Se-nhor, Deus a-bre os nos-sos Lá-bios a-ju-dar-nos

O Povo

E a nossa boca Socorre-nos, anuncia-Se-nhor, os teus lou-vores sem de-mora

O Ministros  
(levantando-se todos)

Gló-ria ao Pai, ao Filho e ao Espírito san-to.

O Povo

Como e-ra no prin-cípio, agora e sempre, Por-tos dos céus

O Ministros

Se-clos, A-men Der-rama o Teu A-mor em nos-sos cora-ções

-Vivo-  
O Povo

Para que can-temos A tua glória To-dos di-a.

Brasileira, o qual soube honrar e ornar.

— O presidente do Estado de Israel, Dr. Weizmann, convidou os rabinos a que assumissem o ofício dos velhos profetas, manifestando-se quando necessário, franca e abertamente, ainda que censurando o seu governo. Nobre atitude.

— Contou-nos um sábio alemão refugiado a história que mais parece uma zombaria, dum papagaio russo enviado num foguetão à estratosfera, e que à volta quando o libertaram se desentranhou em obscenidades! Não era japonês, o bicho, vale a pena acrescentar, porque na língua japonesa não há termos obscenos. Uma lição aos russos e a outros.

## O Livro e os Livros

— ESTAMOS de parabens com a recepção de trabalhos de queridos amigos, a que teremos de pouco a pouco nos irmos referindo, pela exiguidade do espaço de que dispomos. Aqui está a separata do "In Memoriam" de Eça de Queirós, com que o professor Eloy do Amaral quis contribuir para o centenário do grande romancista: "O Amor de Eça à Terra Portuguesa" (Coimbra, 1945). Prepara ele um novo trabalho que intitula "A filosofia na vida e obra de Eça de Queirós", que não pôde agora ver a luz e que, por isso lhe pedimos que nos dê depressa.

— Os belos versos de António de Sousa, insertos na "Jangada" inspiraram a romança "Regresso" do Dr. Leopoldo de Figueiredo (Lisboa, 1950). Felicitamos os dois artistas pela sua obra.

— António Alvaro Dória dá-nos mais um exemplo do equilíbrio das suas ideias no "Verbete de Entrada" do "Gabinete de Leitura", secção da revista da Câmara Municipal de Braga, "Bracara Augusta". Encontramos no discurso de Dória pensamentos muito interessantes, a que ainda nos queremos referir.

— "Cristianidad — ensayo ... " Madrid, 1938; "La Fe Evangélica — por "Un Creyente Español" 1950, de Adolfo de Araujo. Quem dera, à maneira de Camilo, escrever um ensaio para apreciar estes ensaios! Perdê-se-me a ambição e aceite-se-me a confissão humilde da incapacidade. Quero principiar por dizer, ao anunciar ao público português estas duas obras, pequenas no volume mas grandes na profundidade do conceito e na perfeição atingida, que elas mereceriam vir, em versão portuguesa, acrescentar o nosso fraco pecúlio literário. O título do primeiro opúsculo é um neologismo no castelhano, que daria na nossa língua, por equivalente, "Cristanidade", isto é, "a qualidade cristã da experiência dos cristãos sinceros". Edição elegante e sóbria, logo ao abrir o volume, a nota preliminar atrai-nos, a introdução convence-nos, as duas partes que formam o texto central ("O Divino Iniciador" e "O Reino de Deus") empolgam-nos, o epílogo liga-nos ao Autor. Sentimo-nos em comunhão com ele no gozo da mensagem, na fraternal atitude da adoração, no arrebuo íntimo da oração. O segundo opúsculo é um belo manual cristão, verdadeiramente útil, como se inculca. Termina com dois índices, um de textos bíblicos, que é uma concordância bíblica topical e o outro dos assuntos tratados, que é uma terminologia de doutrina de boa vantagem para o estudioso cristão. Bem haja D. Adolfo Araujo pelo seu labor.

# Enderêços do Rev. Cléro e dos srs. Pregadores Licenciados da Igreja Lusitana

- Rev. A. Ferreira Fiandor, **Presidente do Sinodo.**  
Chalet da Bela Vista, Torne, Vila Nova de Gaia.
- Rev. Josué Ferreira de Sousa, **Decano dos Presbíteros.**  
Rua de Azedo Gneco, 4, 4.º, Lisboa.
- Rev. José Pereira Martins, **Presbítero.**  
Rua de Almeida Garrett, 18, Setúbal.
- Rev. Augusto Nogueira, **Presbítero.**  
Rua de Leote do Rego, Devesas, Vila Nova de Gaia.
- Rev. Armando Pereira de Araújo, **Presbítero.**  
Rua de Camilo Castelo Branco, 17, Vila Nova de Gaia.
- Rev. José Maria Leite Bonaparte, **Presbítero.**  
Rua do 28 de Maio, Oliveira do Douro, Gaia.
- Rev. Agostinho Ferreira Arbiol, **Presbítero, secretário no Norte.**  
Rua do Cativo, 6, Porto.
- Rev. Eduardo Henriques Moreira, **Presbítero.**  
Rua das Janelas Verdes, 32, Lisboa.
- Rev. Dr. Daniel S. de Pina Cabral, **Presbítero.**  
Rua do Clube dos Caçadores, Santo Ovidio, Gaia.
- Rev. Josué Ferreira de Sousa Júnior, **Diácono.**  
Rua de Feio Terenas, 20, 1.º, Lisboa.
- Rev. Dr. Luiz César Rodrigues Pereira, **Diácono, secretário no sul.**  
Quinta do Bacalhau, Vila Franca de Xira.
- Rev. Vidal Vieira dos Santos, **Diácono.**  
Rua de Gomes Freire, 68, 3.º, Porto.
- Luiz Manuel Crespo, **Diácono eleito.**  
Rua do Duque de Saldanha, 62, Porto.
- Dr. Leopoldo Fernando dos Santos Figueiredo, **Pregador licenciado,**  
Calçada das Lages, 6, Lisboa
- Harold M. Flower, **Pregador licenciado.**  
Rua do Rei Ramiro, Vila Nova de Gaia.
- Manuel Baptista Vasco, **Pregador licenciado.**  
Avenida do Conde de Valmor, 115, r. do c., Esq., Lisboa.
- António Coelho de Almeida, **Pregador licenciado.**  
Rua do Barão do Córvo, 818, Vila Nova de Gaia.

<u>Ecclesia</u>	<u>Ecclesia</u>	
<i>Encontra-se à venda na:</i>	<i>Assinatura</i>	<i>Venda avulso</i>
<b>Livraria Aillaud &amp; Lellos</b>	Império Português	20\$00 6\$00
Rua do Carmo, 82	Países Estrangeiros	26\$00 7\$50
<b>L I S B O A</b>	❖	
❖	<i>Assinatura anual — 4 números — a tratar com a Administração ou com qualquer dos Ministros da Igreja Lusitana.</i>	
<b>Tabacaria Aliança</b>		
Rua de Santo António, 19		
<b>P O R T O</b>		